

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE “A HORA DA ESTRELA”: TRADUÇÃO, IDENTIDADE E CULTURA EM CLARICE LISPECTOR

A DISCURSIVE VIEW ON “A HORA DA ESTRELA”: TRANSLATION, IDENTITY AND CULTURE IN CLARICE LISPECTOR

Vânia Maria Lescano Guerra¹

RESUMO: Neste artigo temos por objetivo analisar aspectos do discurso literário de Clarice Lispector em recortes da obra *A hora da estrela* e da sua tradução *La hora de la estrella*, realizada por Ana Poljak, visando problematizar as representações sociais do discurso literário, bem como investigar as práticas de subjetivação ligadas à constituição da identidade da mulher, via personagem Macabéa. A base teórico-metodológica transdisciplinar, a partir das teorias discursivas e culturalistas e dos Estudos da Tradução, auxilia-nos na investigação das formações discursivas, do interdiscurso, marcas das heterogeneidades enunciativas e dos aspectos de aproximação e afastamento entre o Texto de Partida e o Texto de Chegada.

Palavras-chave: análise do discurso; identidade; estudos culturais; estudos da tradução.

RESUMEN: En este trabajo objetivamos analizar aspectos del discurso literario de Clarice Lispector en “recortes” (ORLANDI, 2006) del libro *A hora da estrela* e de su traducción *La hora de la estrella*, realizada por Ana Poljak, buscando plantear las representaciones sociales del discurso literario, así como investigar las prácticas de subjetivación relacionadas a la constitución de la identidad de la mujer, vía el personaje de Macabéa. La base teórico-metodológica de esta investigación es transdisciplinar y objetivamos examinar las formaciones discursivas, el interdiscurso, marcas de las heterogeneidades enunciativas y aspectos de acercamiento y alejamiento entre el Texto de Partida e o Texto de Llegada.

Palabras clave: análisis del discurso; identidad; estudios culturales; estudios de la traducción.

¹ Graduada em Letras, mestre em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL) e doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002), câmpus de Araraquara (SP). Coursou Pós-doutorado sobre Identidade e Cultura no IEL, UNICAMP, no Programa de Linguística Aplicada. Professora efetiva da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; avaliadora institucional do SINAES/INEP/MEC e pesquisadora do CNPq.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho², temos como meta estudar aspectos do discurso literário de Clarice Lispector, a partir dos “recortes” (ORLANDI, 2006) da obra *A hora da estrela* e da sua tradução *La hora de la estrella*, realizada por Ana Poljak, visando problematizar as representações sociais do discurso literário, bem como investigar as práticas de subjetivação ligadas à constituição da identidade da mulher, via personagem Macabéa. A base teórico-metodológica deste estudo é transdisciplinar e almejamos examinar as formações discursivas, o interdiscurso, marcas das heterogeneidades enunciativas e aspectos de aproximação e afastamento entre o Texto de Partida (TP) e o Texto de Chegada (TC).

A nossa hipótese de pesquisa funda-se na ideia de que o discurso clariciano é altamente polêmico e, por meio dele, Lispector critica a sociedade da década de 1970, ainda sobre o agravante da ditadura, em que as mulheres escritoras não eram ouvidas em nosso país e suas identidades eram marcadas pelas relações de poder e pela cultura de massa da época.

Nesse sentido, na esteira de Coracini (2010), cada discurso a ser analisado – materialização linguística que integra a formação discursiva (FOUCAULT, 2008) – orientado pelos método e análise transdisciplinares, exige que diferentes áreas do conhecimento sejam mobilizadas. Ressaltamos que não se trata simplesmente de recorrer a outras disciplinas, menos ainda de nos servirmos, como estudiosos das teorias do discurso, de cada uma tomando-as na sua integralidade, “mas de puxar os fios de que necessitamos, para, com eles, tecermos a teia de nossa rede teórica, transformando, assim, esses fios, ao mesmo tempo em que nosso olhar é transformado por eles”. Nessa direção, “são esses fios que nos ajudarão a analisar a materialidade linguística”; contudo “é preciso que alguns aspectos sejam respeitados, ou melhor, que as noções de sujeito e de linguagem assumidas por cada disciplina não sejam incompatíveis entre si” (CORACINI, 2010, p. 93-94).

Vale mencionar que a novela *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, foi publicada em 1977, sendo o último livro publicado em vida pela escritora e envolto por um discurso denso e crítico. Sua tradução espanhola, realizada por Ana Poljak, foi publicada entre os anos de 1989, 2007 pela *Ediciones Siruela*.

Na década de 70, o movimento feminista, além de criticar ações que desconsideravam os direitos femininos, também fazia um julgamento contundente à ditadura militar, lançando um Movimento Feminino Pela Anistia que reivindicava a liberdade de presos políticos. De acordo com Manini (1996, p. 54-55), no que tange às propostas e conquistas femininas no período em questão,

Todas essas propostas e as muitas conquistas obtidas pela mulher no espaço público e também na esfera privada, onde é possível verificar uma mudança na relação homem-mulher

² Este artigo é um recorte da dissertação intitulada: “Tradução e identidade: uma abordagem discursiva de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”, defendida em março de 2011.

devido à força que esta passa na adquirir pelo reconhecimento de seus papéis e direitos na sociedade, foram fundamentais para romper com a invisibilidade histórica das mulheres, fortalecê-las enquanto cidadãs e questionar as estruturas política, econômica e social do período. Por essa razão e muitas outras o feminismo que se desenvolveu no Brasil dos anos 70, foi de fundamental importância.

Nos anos de 1970, havia, então, o neofeminismo, que, segundo Morin (1977, p. 157) é “o reconhecimento e a afirmação da identidade [feminina], isto é, da singularidade e da diferença”. Houve uma mudança profunda da concepção de igualdade, que passou a ser reconhecida como a concentração de afirmação da diferença. Posteriormente, obteve ênfase a questão da identidade feminina, pois, segundo tal discurso, a mulher não queria ser exatamente igual ao homem, ou seja, seu reflexo, mas sim ter sua marca, seus direitos e valores reconhecidos.

Ao refletirmos sobre o discurso literário de Clarice Lispector, constatamos que ele é perpassado por relações de poder que permeiam o mundo feminino. A temática que circula nesse discurso literário é a da vida insignificante de Macabéa e da exclusão social dessa personagem que tenta fazer parte de uma sociedade que, em virtude de suas peculiaridades, não lhe abre espaço. Diferentemente daquela sociedade disciplinar, da qual falava Foucault (1977), que consistia num sistema de controle social por meio da conjugação de várias técnicas de seleção, classificação, vigilância e de controle que se espalhavam pela sociedade e que partiam de uma cadeia hierárquica que vinha do poder central e se multiplicava numa rede de poderes interligados e capilares, a sociedade em questão é de controle, se localiza um passo a frente da sociedade disciplinar, não que esta tenha deixado de existir. Desse modo, exige mudanças no comportamento das pessoas, bem como inovações em sua maneira de pensar. Segundo Foucault (1977), na sociedade de controle a disciplina é interiorizada, havendo uma espécie de incorporação desta, enquanto na sociedade disciplinar havia um “inspetor” que fiscalizava o comportamento das pessoas; na sociedade de controle há uma vigilância contínua sem que haja a necessidade de uma pessoa específica para vigiar, pois as pessoas vivem vigiadas por câmeras que acabaram por romper as fronteiras entre o público e o privado.

Como procedimento metodológico, enumeramos os recortes, nos quais se busca reconhecer as diferentes representações do sujeito no discurso, por meio do exame de algumas marcas discursivas que trazem as várias presenças do outro, bem como de alguns efeitos de sentido instaurados pelos argumentos analisados (GUERRA; MORAES, 2009). Portanto, ao desenvolvermos este estudo, que articula a influência dos interdiscursos e de suas ideologias presentes na materialidade linguística, à luz das teorias da AD, mobilizamos questões históricas e sociais, as condições de produção que, num sentido estrito, são as circunstâncias de enunciação, o contexto imediato; e num sentido amplo, as condições são representadas pelo contexto sócio-histórico a fim de entendermos essa materialidade específica.

1 AS PERSPECTIVAS DISCURSIVA E CULTURALISTA ALIADAS AOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO: SOB A ÓTICA DA TRANSCULTURALIDADE E DA TRANSDISCIPLINARIDADE

Neste item, apresentamos alguns aspectos dos pressupostos teóricos da AD, dos Estudos da Tradução e dos Estudos Culturais que embasaram esta pesquisa, levando em consideração a diferença entre as culturas e a desestabilização das fronteiras entre os campos teóricos mobilizados.

1.1 MOBILIZANDO NOÇÕES ADVINDAS DA AD FRANCESA

Authier-Revuz (1990), ao analisar questões relativas ao que chama “heterogeneidade constitutiva” do sujeito e de seu discurso, assevera que não há um discurso isento do já-dito, pois,

Somente o Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já dito na fala do outro. Nenhuma palavra é “neutra”, mas inevitavelmente “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada”, pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

Perante a inexistência de um discurso homogêneo, a autora propõe a busca das marcas das heterogeneidades discursivas, que podem ser mostradas ou constitutivas. A primeira engloba as marcas explícitas, ou seja, as formas do discurso relatado (direto, indireto, indireto livre), o uso de aspas, enunciados metadiscursivos, como formas capazes de intervir no fio discursivo e que, por isso, colocam em confronto a identidade do sujeito. É pela relação que todo discurso mantém com outros discursos, ou seja, pela interdiscursividade, que a heterogeneidade mostrada articula-se com uma heterogeneidade constitutiva da linguagem, que não é mostrada, que não está na superfície.

No discurso literário de Clarice Lispector, em *A hora da estrela*, constatamos diversas marcas da heterogeneidade, entre as quais destacamos a mostrada, que aparece, sobretudo, por meio do uso do discurso relatado e das aspas, conduzindo-nos à natureza heterogênea do discurso e do sujeito. Ademais, nessa novela, o interdiscurso traz a memória do já-dito em forma da heterogeneidade constitutiva. Assim, a análise das marcas de heterogeneidade é pertinente nesta pesquisa especialmente no que concerne à busca pela compreensão da identidade feminina na década de 1970, via Macabéa.

A fim de melhor compreendermos os tipos de discurso relatado que traz a heterogeneidade mostrada, convém analisar três esquemas sintáticos, trazidos pelos estudiosos da língua(gem), para fazer a transmissão do discurso de outrem: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre.

Segundo Bakhtin (1999, p. 158), esses esquemas “exprimem uma tendência à apreensão ativa do discurso de outrem”, no entanto cada um deles “recria à sua maneira a enunciação, dando-lhe assim uma orientação particular, específica”.

O estudo dos tipos de discurso nos auxiliará a entender a constituição da identidade de Macabéa, conforme ressaltamos. O primeiro tipo apresentado é o discurso direto (DD), visto como uma simulação da realidade e que vem supostamente restaurar as palavras de um enunciador citado pelo narrador. Segundo Fiorin (2008, p. 74): “O discurso direto, em geral, cria um efeito de sentido de realidade, pois dá a impressão de que o narrador está apenas repetindo o que disse o interlocutor”. Para o autor (*op.cit.*, p. 72-3), “[...] o discurso direto é um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador”.

Quanto ao Discurso Indireto (DI), Bakhtin (1999, p. 159) demonstra que a significação linguística própria do DI consiste na transmissão analítica do discurso de outrem, cuja tendência analítica “manifesta-se principalmente pelo fato de que os elementos emocionais e afetivos do discurso não são literalmente transpostos ao discurso indireto, à medida que não são expressos no conteúdo, mas nas formas de enunciação”. É por essa razão que as marcas de interrogação, exclamação ou os imperativos não são admissíveis no DI, pois são elementos expressivos da enunciação do interlocutor que devem ser eliminados, visto que no DI só há a subjetividade daquele que relata.

No tocante ao Discurso Indireto Livre (DIL), Fiorin (2008, p. 81) constata que não se enuncia em primeira pessoa, diferentemente do DD e, além disso, não há subordinação a um *verbum dicendi* como ocorre no DI. Em vez disso, há exclamações, torneios expressivos e interrogações que auxiliam a identificar o enunciador. Dessa forma, os sentimentos ou as palavras das personagens aparecem diretamente no texto, sem romper a trama narrativa.

Outro sinal de heterogeneidade é o Interdiscurso, este remete ao fato de que sempre há um “já dito”, mas o sujeito mantém a ilusão de que é fonte absoluta de seu dizer, quando, na verdade, ele é fruto da interação de várias vozes.

Na esteira de Pêcheux (2002, p. 68), “é o interdiscurso que especifica as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico, descontinuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória”.

Vale mencionar ainda que todo discurso se inscreve em uma ou em várias formações discursivas (FDs). No que concerne ao conceito de FDs, apesar de ter sido Foucault quem introduziu esse conceito, foi com Michel Pêcheux, estudioso que se inseria no quadro teórico do marxismo althusseriano, que a concepção de formação discursiva ingressou na Análise do Discurso. Assim, para Pêcheux (1988, p. 160), uma FD é:

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.).

1.2 UMA VISÃO CULTURALISTA ANCORADA NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

No mundo contemporâneo, os Estudos da Tradução são fortemente influenciados pelo pensamento de Derrida sobre a desconstrução, trazido na obra *Torres de Babel*, cuja ideia central, que parte da confusão entre as línguas, consiste na impossibilidade da tradução. Desse modo, a história da “Torre de Babel” relata, entre outras coisas, “a origem da confusão das línguas, a multiplicidade dos idiomas, a tarefa necessária e impossível da tradução, sua necessidade como impossibilidade.” (DERRIDA, 2006, p. 20).

Especificamente a história da torre de Babel conta que uma tribo denominada Shem, palavra que significa “nome”, em hebraico, objetivava edificar uma torre que chegasse até os céus e queria impor sua língua aos demais povos como forma de poder e dominação, ou melhor, de imperialismo linguístico. Nesse contexto, Deus interrompe essa construção e impõe seu nome, Babel, palavra que remete a confusão. Assim, ele pune os Shem, que ficam expostos à diversidade das línguas e à tradução que, segundo Rodrigues (2000b), não será perfeita.

A dispersão das línguas condena, assim, o homem à necessidade de tradução, mas também a um trabalho que nunca estará completo, porque a tradução perfeita, a transparência, só seria possível com a imposição de uma única língua universal como queriam os Shem. (RODRIGUES, 2000b, p. 90).

A partir dessa constatação referente à necessidade de tradução, Derrida (2006) analisou o acontecimento bíblico da torre de Babel e verificou que ele é um mito que retrata a origem da necessidade da tradução. Ainda na esteira derridiana, interessa-nos neste estudo, o pensamento de Paulo Ottoni (2005, p. 99), que considera a tradução necessária, porém impossível. Nesse sentido, nos deparamos com a noção de *double bind*.

[...] só através do *double bind* um texto se faz outro ao evidenciar que a diferença de significados não é privilégio das diferenças e de diferentes línguas, mas de como essa diferença cria uma espécie de tradução recíproca a partir da intervenção do tradutor, que não se liberta da imposição e da intervenção das línguas envolvidas na tradução. (OTTONI, 2005, p. 52-53).

Para Ottoni (2005, p. 12), *double bind* seria o imperativo categórico que refletiria o paradoxo inerente ao processo de tradução, já que demarcaria, a um só tempo, sua impossibilidade e sua necessidade, diante da inevitável dificuldade que se impõe como um desafio ao tradutor. O autor (2005, p. 144), ao apresentar o exemplo de Graham, um dos tradutores da obra de Derrida, assevera que o tradutor optou por não traduzir o título do livro do francês para o inglês porque pretendia manter os vários sentidos em francês. Essa atitude, segundo Ottoni, caracteriza o que chamamos “economia da língua” e conduz à “tradução recíproca”, isto é, estar entre duas línguas, entre

dois sistemas linguísticos e no meio de várias línguas que compõem as duas línguas. Assim, segundo o autor, o tradutor deve ao mesmo tempo traduzir e não traduzir.

Segundo Derrida (2006), os tradutores estão sempre entre o intraduzível e a tradução, estar “entre” caracteriza o fato de sofrerem e suportarem o *double bind*. Assim, o autor, em “Torres de Babel”, ao fazer uma leitura da tradução de Maurice Gandilac do ensaio de Walter Benjamin, *Die Aufgabe des Übersetzers* (A tarefa do tradutor), reflete sobre a função do tradutor ao buscar uma interpretação relevante de uma língua estrangeira.

Ressaltamos, desse modo, que, na novela *A hora da estrela*, há exemplos que ilustram esse dilema do tradutor, sobretudo pela falta de um correspondente cultural entre as línguas. Abaixo, a tradutora Ana Poljak preferiu manter o termo “sertão” a buscar outro que pudesse gerar um efeito de sentido diferente do trazido pelo TP.

Vale dizer que, para Coracini (2007) e para Derrida (1998), torna-se impossível a existência de monolinguismo, bilinguismo ou plurilinguismo, assim como não existe língua materna e língua estrangeira, uma vez que a nossa língua é a do outro e a do outro é nossa, ou seja, toda língua é ao mesmo tempo, “materna-estrangeira” e “estrangeira-materna” (p. 145). O que há é um desejo de homogeneização, de uma busca por uma língua completa, una e transparente (especialmente pela mídia) e a contingência de sua impossibilidade, afinal a língua constitui o “eu” do sujeito (múltiplo e clivado) e não pode ser pensada fora dessa realidade. Coracini (2007), em seus estudos sobre a tradução, tem apontado os conflitos e contradições desses profissionais, que buscam o domínio e o controle total sobre a(s) língua(s) e sobre os sentidos, numa ilusão, mais uma vez, de transparência da língua e objetividade do sujeito.

Ao refletirmos sobre o discurso literário de Clarice Lispector, constatamos que ele é perpassado por relações de poder no interior do mundo feminino. Passamos, então, a refletir sobre a questão da identidade nesse contexto.

Nossa identidade, ao longo de nossa existência, sofre alterações segundo as transformações temporais e históricas dos povos, possibilitando-nos ocupar diversas posições. Nesse contexto, segundo Hall (2000, p. 31), “As formas como representamos a nós mesmos, como mulheres, homens, pais, vêm sofrendo alterações com o passar do tempo e, assim, as relações familiares também tem mudado.” São essas mudanças que contribuem para os conflitos e crises de identidade que assolam o sujeito pós-moderno. Para Hall (1998, p. 10), ao longo da história podemos distinguir três tipos principais de identidade: a) a identidade do sujeito do iluminismo; b) a identidade do sujeito sociológico e a identidade do sujeito pós-moderno.

A primeira pertence ao indivíduo centrado, unificado, movido pela razão, consciente, cujo “centro” incidia num núcleo interior que surgia junto ao nascimento do sujeito e se desenvolvia com ele, sendo sempre idêntico a ele no decorrer de sua existência. O centro essencial desse “eu” era a identidade de uma pessoa.

A segunda traz a complexidade do mundo moderno, no qual é visível que o núcleo interior do sujeito não surge autônomo nem autossuficiente, mas sim formado pela relação com outras pessoas que lhe transmitem valores.

Por fim, a terceira apresenta a identidade móvel e contraditória do indivíduo pós-moderno, cuja identidade não é centrada em torno de um “eu” coerente. Desse modo, na modernidade tardia, um dos aspetos que está relacionado ao seu caráter de mudança é o processo conhecido como globalização e todo impacto que ele causou sobre a identidade cultural.

Para Coracini (2007), é preciso questionar essas verdades preestabelecidas que têm estabilizado nossa identidade, sentimento ilusório de unidade, de ser completo, mostrando-se como ela é: fragmentada, constituída pelo outro, que vai nos modificando no percurso da vida. Que sejam construídos outros discursos, ou que, pelo menos, se transformem os velhos, deslocando, de forma criativa e sem discriminações, a mentalidade sexista que ainda nos alimenta, a fim de produzirmos deslocamentos no interior da formação discursiva em que estamos imersos, no bojo de uma perspectiva transculturalista.

Para Bauman (1998, p. 35), “As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas”.

2 FOCO ANALÍTICO: O PROCESSO IDENTITÁRIO DE MACABÉA

Neste item, examinamos a constituição identitária de Macabéa, por meio da análise do discurso literário de Clarice Lispector, a partir de recortes da obra *A hora da estrela* e de sua tradução espanhola *La hora de la estrella*. Vale ressaltar que entendemos que o TC constitui um texto cuja autoria passa inevitavelmente a ser compartilhada pelo autor do texto original, Clarice Lispector, e pelo responsável pela tradução, Ana Poljak.

No primeiro recorte, temos Macabéa montando um álbum de figuras que ilustram seus objetos de desejo.

HE R1- [...] Nas **frígidas**³ noites, **ela**, toda estremecente sob o lençol de brim, costumava ler à luz de vela os anúncios que recortava dos jornais velhos do escritório. É que fazia coleção de **anúncios**. Colava-os no álbum. Havia um **anúncio**, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente **não** eram ela. Executando o fatal cacoete que pegara de piscar de olhos, ficava só imaginando com delícia: o creme era tão apetitoso que **se tivesse** dinheiro para comprá-lo não seria boba. **Que pele, que nada, ela o comeria**, isso sim, às colheradas no pote mesmo (LISPECTOR, 1998, p.38).

HEL R1- [...] En las noches **frías**, **ella**, temblando entre las sábanas baratas, acostumbraba a leer a la luz de una vela los **anuncios** que recortaba de los periódicos viejos de la

³ Grifos nossos; os recortes seguem uma ordem numérica e são precedidos das iniciais HE (*A Hora da Estrela*) para a língua portuguesa e HEL para a língua espanhola, por razões metodológicas.

oficina. Hacía colección de **anuncios**. Los pegaba en un álbum. Había un anuncio, el más preciado, que reproducía en colores el bote abierto de una crema para la piel de mujeres que simplemente no eran ella. Mientras, según aprendiera, hacía el gesto fatal de abrir y cerrar los ojos, dejaba volar la imaginación con delicia: la crema era tan apetitosa que, **si tuviese** dinero para comprarla, no sería tonta. **Que piel ni qué nada, se la comería**, sí, a cucharadas, del propio bote. (LISPECTOR, 2007, p. 38).

Em R1 (TP), observamos que o álbum de anúncios de Macabéa é um exemplo de citação da cultura do consumo que funciona como um arquivo de lembranças, de desejo de consumo. Nesse recorte, chama-nos atenção a situação de pobreza da protagonista que tinha um desejo imenso de comer um creme, mas parece-nos que não tinha condições de comprá-lo em decorrência de sua situação socioeconômica, cuja imagem aparecia muito bem elaborada no jornal. Nessa época, década de 70, o consumismo da sociedade de massa era cada vez mais aguçado, sobretudo por influência do sistema capitalista que já refletia o que posteriormente seria chamado oficialmente de globalização.

No recorte em pauta, destaca-se, já na passagem inicial, o item lexical “anúncios” que nos remete ao contexto capitalista/consumista. Nesse caso, Macabéa, seduzida por eles, os colecionava. Entre os anúncios, o que mais lhe chamava atenção era de um creme “para mulheres que simplesmente não eram ela”. Observa-se, nessa passagem, que o uso do advérbio de negação “não” nos auxilia a entender que ela era uma mulher para a qual o creme da moda não servia, não se encaixava em seu perfil, dada a sua condição social.

A condição precária da protagonista, mulher marginalizada, excluída, é marcada também pelo uso do verbo “ter”, empregado no pretérito imperfeito do subjuntivo, “se tivesse”, tempo verbal que, correlacionado ao futuro do pretérito do indicativo, expressa uma condição contrafactual, ou seja, que não se verifica na realidade e frequentemente se associa a um desejo, a uma possibilidade. Assim, ao empregar a construção “se tivesse [...] não seria [...]”, já confirmamos que ela não tinha. Vale ressaltar que o objeto direto do verbo “ter” é justamente o substantivo “dinheiro” que, neste caso, conduz ao fato de não poder consumir, pois “se tivesse”, o compraria e o “comeria”. Dessa forma, Macabéa, diferentemente de muitas outras mulheres que almejavam passar o creme a fim de alcançar um ideal de beleza, o comeria.

Ao final do R1 (TP), constatamos um discurso heterogêneo marcado pelo emprego do discurso indireto livre, momento em que, ao detectar uma dualidade de vozes, percebemos a voz de Macabéa no trecho “Que pele, que nada, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo” e associamos sua atitude de comer um produto não comestível à sua origem. Macabéa nasceu na região nordeste do Brasil, lugar marcado pela fome e pela seca. Desse modo, a representação negativa que temos desse lugar contribui para que seja ativada nossa memória discursiva por meio dos interdiscursos da fome, da seca e da exclusão social.

Lispector também viveu no nordeste e conhecia a dura realidade daquela região do país. Segundo Gotlib (2009), quando a família de Lispector chegou ao Brasil, em março de 1922, desembarcou em Maceió, capital de Alagoas que na época era uma cidade pequena, Lispector tinha um ano e três meses. Após três anos, a família de Lispector foi para Recife, por volta de 1925, ela tinha quase cinco anos. A família mudou para o Recife em busca de melhores condições econômicas, pois parece que naquela cidade eram oferecidas algumas vantagens aos imigrantes. Gotlib (2009, p. 59) traz uma pergunta que Lispector fez a sua irmã Elisa: “Um dia Clarice pergunta a Elisa, que era mais velha, se passaram fome. E Elisa responde: quase. E Clarice afirma, muito tempo depois: ‘Porque tinha em Recife, numa praça, um homem que vendia uma laranjada na qual a laranja passava longe, tudo agüado, e um pedaço de pão e era nosso almoço’”. Desse modo, constatamos o quanto Lispector conhecia a dura realidade da vida no nordeste brasileiro.

Nolasco (2007, p.116), em relação à construção identitária de Macabéa, afirma que

Macabéa não consome tudo o que vê e deseja pela simples razão de não poder economicamente. Mesmo assim, devemos lembrar que Macabéa consome as coisas indiretamente, como quando fica estática diante de um anúncio qualquer imaginando o produto anunciado no folheto da propaganda. Nesse caso, especificamente, imaginar também é possuir, pois essa é a única condição facultada, e precariamente a nordestina.

Assim, observamos o quanto a cultura consumista aguçava os desejos da nordestina que, por sua vez, buscava se situar num mundo fortemente influenciado pela ideologia capitalista. Em R1(TP) e (TC), constatamos as formações discursivas capitalista, da globalização, da mídia, entre outras. Vale lembrar que, para Jameson (1985), nossa sociedade contemporânea é dominada pelo capitalismo, sendo denominada sociedade de consumo, das mídias e do capitalismo tardio.

Ao confrontarmos R1(TP) e R1(TC), verificamos que, na tradução da passagem, “ela o comerá” por “se la comerá”, origina-se um afastamento entre o TP e o TC, visto que o efeito de sentido mobilizado pelo emprego do verbo “comerse” difere do produzido pelo verbo “comer”, pois, no TC, ao contrário do TP, há a ideia de comer de forma exagerada, além de haver o estabelecimento de uma relação afetiva entre o sujeito e o objeto do desejo. Vale ressaltar que no TP a ideia de comer de forma exagerada aparece representada no trecho “as colheradas”, mas, no TC essa ideia vem reforçada tanto pelo trecho “a cucharadas” quanto pelo emprego do verbo “comerse” ao invés de “comer” que não traria essa ideia reforçada de exagero. O uso do verbo “comerse”, segundo Bruno (2000, p. 126-127),

Hay casos en que al emplear la forma pronominal, el hablante no observa los procesos en sí mismos, tal como lo haría al emplear la forma no pronominal, sino que los configura de una manera muy personal y específica. El pronombre servirá para traducir una “peculiar integración del sujeto en el proce-

so”, exagerándolo, demostrando su afectación, su afectividad. Sintácticamente, en general, el verbo es transitivo, el sujeto es el agente del proceso y el objeto es específico y no humano.⁴

Outro afastamento entre o TP e o TC ocorre em decorrência da tradução do vocábulo “frígiditas”, presente no TP, por “frías”, presente no TC. Antes, porém, de analisarmos as definições das palavras “frígida” e “fría”, convém ressaltar o efeito de hipálage⁵ que transpassa o uso dessas palavras que nos fazem constatar que quem era “fría”, “frígida” era Macabéa e não a noite. Desse modo, é Macabéa que contamina a noite, fazendo que ela seja “fría”, “frígida”. Ao analisarmos as acepções da palavra “frígida”, constatamos que sua utilização, no trecho “Nas noites frígidas”, mobiliza o efeito de sentido de noites sem entusiasmo. Além disso, convém ressaltar que a palavra “frígida” também gera o efeito de sentido de desinteresse por sexo. Atentamos para o fato de que a protagonista era virgem e sexo, para ela, só em sonho. Conforme Rodrigo S. M. (HE, p. 34), “[...] sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada [...]” Além disso, ela não era atraente, pois “[...] ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém [...]”

No TC, por sua vez, a palavra “fria” articula o efeito de sentido de uma noite na qual fazia frio, podendo remeter também ao fato de a noite ser fria em decorrência da solidão de Macabéa, que desconhecia o que era dormir com um companheiro, porém, apesar desse efeito de sentido ser semelhante, sabemos que a carga semântica que recai sobre a palavra “frígida” pende mais para o lado sexual do que para o sentido de “fría” que, segundo Silveira Bueno (1996, p. 310) é “frígido: adj. Gelado, indiferente, sem entusiasmo”.

Quanto ao objeto de desejo, nesse exemplo o creme, a personagem o possuía por meio de sua imaginação, fato que a conduz a viver em um mundo fictício, dentro do qual ela buscava estabelecer uma relação com o mundo real por meio do esforço de se identificar, de alguma forma, com o que era propagado na sociedade capitalista da época, na qual havia grande incentivo ao consumismo. Nesse sentido, na esteira dos estudos de Bauman (1998), entendemos que Macabéa fazia parte do grupo de indivíduos que sofriam do que ele chama de mal-estar da pós-modernidade, que aflige aqueles que convivem com o desemprego, o consumo desenfreado, a mecanização das estruturas sociais, entre outros. Lipovetsky (2004), por seu turno, assevera que o indivíduo pós-moderno é movido por uma ansiedade constante e, por essa razão, busca receitas rápidas para o bem-estar subjetivo rápido.

⁴ Há casos nos quais ao empregar a forma pronominal, o falante não observa os processos em si, assim como faria ao empregar a forma não pronominal, mas sim os configura de uma maneira muito pessoal e específica. O pronome servirá para traduzir uma peculiar integração do sujeito no processo, exagerando-o, demonstrando seu envolvimento, sua afetividade. Sintaticamente, em geral, o verbo é transitivo, o sujeito é o agente do processo e o objeto é específico e não humano. (tradução nossa)

⁵ Ocorre hipálage quando há inversão da posição do adjetivo (uma qualidade que pertence a um objeto é atribuída a outro na mesma frase. Exemplo: “Em cada olho um grito castanho de ódio” (Dalton Trevisan). Informação disponível em: <www.spsconcursos.com/aulas/redacao_aula3.php>. Acesso em: 10 out. 2010.

O fato de a protagonista não se interessar pela leitura das notícias veiculadas, mas somente pelas imagens que a conduzem ao desejo de consumo, revela outro traço identitário de Macabéa, a ignorância. Em R1(TP), na passagem “[...] ficava só imaginando com delícia”, constatamos que Macabéa imaginava com prazer como seria comer o creme, ao passo que em R1(TC), na mesma passagem, “[...] dejaba volar la imaginación con delicia”, verificamos que o que ela fazia com prazer não era imaginar como seria comer o creme, mas sim deixar sua imaginação fluir. Os efeitos de sentido do TP e do TC se afastam. Dessa forma, segundo Rodrigues (2000b), a tradução configura-se como um processo que transforma valores. Assim, traduzimos culturas e não línguas. Sabemos que línguas e culturas são diferentes e que, ao traduzir, não podemos ignorar a diferença.

Ao longo de HER1 (TP) e HELR1(TC), o narrador utiliza várias vezes os dêiticos “ela” e “ella”, respectivamente, nesse caso, anáfora direta, retomando o referente Macabéa, por meio de um pronome de terceira pessoa, nas passagens: “ela toda estremecente sob o lençol de brim”; “um creme para pele de mulheres que simplesmente não eram ela”; “Que pele, que nada, ela o comeria”; “ella, temblando entre las sábanas baratas”; “una crema para la piel de mujeres que simplemente no eran ella”, para se referir a Macabéa. O uso desse dêitico na terceira pessoa, ou seja, a pessoa de quem se fala, impede que a voz da personagem apareça e que ela se apresente como um sujeito na trama. Assim, é Rodrigo S.M., o narrador, quem fala sobre ela, mostrando ao interlocutor quem ela é e como age. Desse modo, nossa visão da personagem é baseada no que o narrador-homem nos apresenta, ou seja, na percepção dele sobre ela. Figueiredo (2009, p. 77) afirma que, para Rodrigo S.M., Macabéa é o “outro”, é a massa, “[...] essa massa é composta por seres de matéria amorfa, habitados pelo vazio, conformados, subalternos que não têm direito a voz ou representatividade; também é composta por um público alfabetizado, consumidor, ávido de bens culturais [...]”

Em R2, a autora, ao empregar o artigo definido “a”, em “a nordestina”, direciona o foco para os nordestinos que vivem nas grandes capitais.

HE R2 - Como **a nordestina** há milhares de moças espalhadas por **cortiços**, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que **tanto existiriam como não existiriam**. Poucas se queixam e ao que saiba nenhuma reclama por não saber a quem. **Esse quem será que existe?** (LISPECTOR, 1998, p. 14).

HEL R2 - Como **la norestina**, hay millares de muchachas diseminadas por **chabolas**, sin cama ni cuarto, trabajando detrás de mostradores hasta la estafa. Ni siquiera ven que son fácilmente sustituibles y que **tanto podrían existir como no**. Pocas se quejan y, que yo sepa, ninguna reclama porque no sabe a quién. **¿Ese quién existirá?** (LISPECTOR, 2007, p. 15).

No R2, TP, entendemos que “a nordestina” constitui uma anáfora direta, que retoma sintaticamente Macabéa, no entanto sabemos que, na memória discursiva, o item lexical “nordestina” aparece como sinônimo de pessoa que vem do nordeste do país. Dessa forma, o artigo definido “a” aparece como generalizante. Na concepção de Lapa (1998, p. 102), “[...] podemos de um modo geral dizer que o substantivo precedido do artigo definido se refere à coisa, ao objeto em si, considerado individualmente ou genericamente, como concreto ou como abstrato”. Nessa situação, Rodrigo S.M, ao se referir a ela, refere-se também a outras nordestinas que, assim como a protagonista, vivem na cidade grande e não percebem que são consideradas como qualquer outro objeto que, quando não serve mais, é facilmente trocado. Nesse contexto, constatamos que Macabéa representa a parcela da população que recebe o mesmo tratamento de uma máquina, pelo simples fato de não refletir sobre sua própria situação e por ser facilmente influenciável.

Macabéa, assim como muitos outros nordestinos, encontra-se em uma posição de subalternidade. Figueiredo (2009, p. 21), ao tratar da condição de subalternidade, com base nos estudos de Spivak, afirma que “o subalterno carece necessariamente de um representante por sua condição de silenciado.” Nesse sentido, o artigo definido em “a nordestina”, mostra esse “poder” de representação. A situação das nordestinas é tão precária que a voz delas é sufocada; elas não sabem a quem reclamar, de modo que há um silenciamento que parte do próprio sujeito, que, ao enunciar seu discurso, partindo de determinada posição- sujeito, “estará, necessariamente, não dizendo outros sentidos. Isso produz um recorte necessário no sentido. Dizer e silenciar andam juntos” (ORLANDI, 2007b, p. 53). Nessa perspectiva, os silenciamentos também significam, compreendem as determinações de sentido do que não é e não foi dito e, como as palavras, não são transparentes, têm a opacidade característica da linguagem.

Macabéa, em sua posição de subalternidade, não é ouvida. Na concepção de Beverly (2004), o subalterno é silenciado. Segundo o autor (2004, p. 23), com base na formulação de Spivak: “[...] si el subalterno pudiera hablar - esto es, hablar de una forma que realmente nos interpele – entonces no sería subalterno”⁶.

Parece-nos relevante, nesse contexto, atentar para a escolha do foco narrativo em *A hora da estrela*, já que esse pode nos auxiliar na análise proposta. Rodrigo S.M, o narrador da história, passa-nos a impressão de que sabe tudo sobre a história, sobre as personagens, sobre o que vai acontecer, caracteriza-se também pela intrusão, dessa forma, no tocante à focalização, pensamos que ele seja onisciente intruso, pois demonstra saber tudo sobre a história, as personagens e acerca do que irá acontecer. Quanto ao nível narrativo, Rodrigo S.M configura-se como um narrador homodiegético. Segundo Reis e Lopes (1988, p. 124),

⁶ Se o subalterno pudesse falar – isto é, falar de uma maneira que nos interpele de verdade – então não seria subalterno (tradução nossa).

1. De acordo com a terminologia proposta por Genette (1972, p. 252 et seqs.), narrador homodiegético é a entidade que veicula informações advindas da sua própria experiência diegética; quer isto dizer que, tendo vivido a história como personagem, o narrador retirou daí as informações de que carece para construir seu relato, assim se distinguindo do narrador heterodiegético (v), na medida em que este último não dispõe de um conhecimento direto. Por outro lado, embora funcionalmente se assemelhe ao narrador autodiegético (v), o narrador homodiegético difere dele por ter participado na história não como protagonista, mas como figura cujo destaque pode ir da posição de simples testemunha imparcial a personagem secundária estreitamente solidária com a central.

Como narrador homodiegético, é Rodrigo S.M. quem narra a história de Macabéa como um conhecedor dos sentimentos, emoções e reações da personagem. Ela, em sua condição subalterna permanece silenciada. Vale atentar para o fato de que além de configurar-se como narrador homodiegético, Rodrigo S. M também era um narrador masculino, fato que nos leva a refletir também sobre a questão do gênero ao longo da história, afinal sabemos que a dominação do gênero masculino atravessa gerações. Nas palavras de Spivak (2010, p. 66),

No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é a da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há “evidência”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.

Em relação ao afastamento e distanciamento entre o TP e o TC, observados neste estudo, na configuração do processo identitário da personagem feminina nordestina Macabéa, protagonista da novela de Lispector, trazemos as reflexões de Coracini (2007) quando afirma que é preciso questionar essas verdades preestabelecidas que têm estabilizado nossa identidade, sentimento ilusório de unidade, de ser completo, mostrando-se como ela é: fragmentada, constituída pelo outro, que vai nos modificando ao longo da história de nossas vidas.

Prosseguindo o foco analítico deste trabalho, no TP, a moradia das moças nordestinas é chamada de “cortiço” e, no TC, de “chabolas”. Examinando essas palavras, consideramos que viver em um cortiço confere um *status* social mais positivo do que viver em uma “chabola”, ou seja, em uma favela. Dessa forma, no TC, a tradução da palavra “cortiço” por “chabola”, mobilizou uma mudança de sentido, em virtude do significado cristalizado que a palavra “chabola”, para nós, “favela”, possui em nossa

sociedade, por isso, no TC, entendemos que Macabéa é posta mais à margem ainda, por viver em um barraco de favela. Ao refletirmos sobre as mudanças de sentido a que estão suscetíveis as traduções, ressaltamos a importância da tradução cultural, em detrimento de uma tradução vista como transcrição.

Ao compararmos a pergunta que aparece ao final do TP: “Esse quem será que existe?” com a que aparece no TC “¿ Ese quién existirá?”, verificamos que o efeito de sentido de dúvida sobre a existência de um “quem” a quem Macabéa e as outras nordestinas pudessem reclamar é bem mais acentuado no TP, justamente pelo uso do verbo “ser” no futuro, mais o “que”, pois esta combinação carrega uma carga semântica de dúvida que o verbo “existir”, empregado sozinho, não apresenta. O fato de Macabéa e de as outras nordestinas não saberem a quem reclamar vem ressignificar a marginalização extrema, visto que elas estão isoladas, são desinformadas, não são consideradas e, por isso, são facilmente manipuladas, educadas para obedecer/servir.

Uma das marcas identitárias de Macabéa que emerge é sua insignificância, pois não há nela uma característica que a torne insubstituível, que a tire do senso comum. Ela, bem como as outras nordestinas, não têm consciência de sua real situação, pois foram atropeladas por um processo conhecido como “globalização”, que não sabemos exatamente quando começou e não somos capazes de saber ao certo suas consequências, negativas ou positivas. Nos trechos: “e que tanto existiriam como não existiriam”, TP, e “y que tanto podrían existir como no”, TC, verificamos que, na tradução, o verbo “poder”, empregado no tempo verbal *condicional simple* “[...] expresa acontecimientos no realizados, pero que podrían realizarse, o que se desea que se realicen⁷” (FANJUL, 2005, p. 166). Desse modo, tanto faz elas existirem ou não, são insignificantes.

A partir da década de 1970, com a ascensão do movimento feminista, as mulheres passaram a se manifestar em diversas questões, que eram visíveis somente na esfera privada e passaram a ter visibilidade também na esfera pública. Nesse contexto, se a nordestina ou as nordestinas não reclamavam é porque de fato viviam marginalizadas.

Na passagem transcrita em R3 (TP) e (TC), atentamos para o sentido de “representar” que aparece nas passagens: “[...] passava o resto do dia **representando** com obediência o papel de ser” e “[...] pasaba el resto del día **representando** com obediencia el papel de ser”.

HE R3- E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: **sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser.** (LISPECTOR, 1998, p. 36).

⁷ Expressa acontecimentos que não foram realizados, mas que poderiam ser realizados, ou que desejamos que se realizem (tradução nossa).

HEL R3- ¿Y cuando se despertaba? Cuando se despertaba ya no sabía quién era. Un poco más tarde pensaba con satisfacción: **soy mecanógrafa y virgen, me gusta la coca-cola.** En ese momento **se vestía de sí misma, pasaba el resto del día representando con obediencia el papel de ser.** (LISPECTOR, 2007, p. 36).

Na verdade, depois de acordar, ela buscava ocupar um lugar na sociedade, vestia-se de si mesma, ou seja, incorporava o papel que lhe cabia representar. Nesse contexto, lembrava-se das coisas que lhe davam algum prestígio social, era datilógrafa e virgem, além disso, bebia coca-cola, o refrigerante da moda. Macabéa buscava, nos termos de Bauman (2008), utilizar seus próprios meios, visto que, no mundo contemporâneo, as identidades se tornaram móveis. Eis a crise de identidade, anunciada por Hall (2000), e que diz respeito às formas como representamos nós mesmos ou outros papéis na sociedade e como as mudanças ocorrem rapidamente .

O discurso sobre a virgindade de Macabéa, uma das marcas identitárias das quais ela mesma se orgulha muito, constitui, para ela, uma forma de poder/ via resistência à sociedade constituída dessa época. Segundo Foucault (1988), a resistência caminha ao lado do poder, pois onde há poder há resistência, que pode aparecer em centros de resistência distribuídos no tempo e no espaço que, algumas vezes, mobilizam indivíduos ou grupos de pessoas que passam a exaltar certos pontos do corpo, do comportamento, entre outros.

Castells (2000), ao problematizar a questão da identidade, atenta para a necessidade de compreender a diferença entre papéis e identidades. Os papéis representam as funções que os indivíduos representam na sociedade como, por exemplo, ser pai, ser trabalhador, entre outros, e são delineados pelas instituições; já as identidades compõem fontes de significados para os próprios indivíduos, chamados, por ele, de atores sociais. A construção dessas fontes de significados envolve um processo de individuação, de autodefinição. No caso de Macabéa, “ser datilógrafa” é uma de suas autodefinições mais importantes; nesse caso, a autodefinição coincide com um dos papéis sociais da protagonista. Nesse sentido, ressaltamos que, para Macabéa, o fato de “ser datilógrafa” significava conquistar dignidade.

Salientamos também que o fato de a mulher, no caso Macabéa, dar importância ao papel social por ela representado, no âmbito profissional, estabelece uma estreita relação com o momento histórico vivido, pois foi na década de 1970, época em que a novela *A hora da estrela* foi escrita, que as mulheres obtiveram diversas conquistas tanto na esfera pública quanto na privada; nesse período ocorreram mudanças na relação homem-mulher em decorrência do reconhecimento dos papéis e direitos da mulher na sociedade. Shaffer (2010) chama esse movimento de “neofeminismo” e assevera que ele não visava à igualdade entre os gêneros, mas sim à oposição, ao enfrentamento entre os tradicionais papéis desempenhados por “macho” e “fêmea”.

Em R3, TC, o advérbio de tempo “ya” enfatiza a ação momentânea de estranhamento da protagonista consigo mesma, afinal, ela precisava de um tempo para se autoafirmar, para se reconhecer enquanto ser, enfim, para se localizar no mundo.

Destacam-se em sua identificação, como marcas subjetivas no discurso, a virgindade, a profissão de datilógrafa, a insignificância, a ignorância e “la coca –cola” que, no TC, aparece como elemento determinado, estabelecendo uma aproximação maior entre o sujeito e o objeto estimado.

Já em R4 TP e TC, a origem de Macabéa nos auxilia a entender sua constituição identitária.

HE R4 - Nascera inteiramente **raqúitica, herança do sertão**- os maus antecedentes de que falei. Aos dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no **sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas**. (LISPECTOR, 1998, p. 28).

HEL R4 - Había nacido **raqúitica** por completo, **herencia del sertão**, los malos precedentes de que hablé. Cuando tenía dos años de edad se le habían muerto los padres de unas fiebres malignas en el **sertão de Alagoas, allá donde Dios perdió la gorra**. (LISPECTOR, 2007, p. 28).

Os itens lexicais “raqúitica” e “sertão” ativam na memória discursiva do leitor o estereótipo do nordestino em meio a intensa miséria e pobreza que assolam o nordeste do Brasil. Nesse contexto, sobressaem como marcas identitárias do nordestino, a simplicidade, a humildade, a subalternidade. O discurso sobre a vida no nordeste apresenta as condições precárias nas quais muitos brasileiros vivem nessa região do Brasil e faz emergir uma das razões que levam os nordestinos a buscarem uma vida melhor em outras regiões do país. Vale mencionar que Clarice Lispector veio para a região nordeste do Brasil com sua família quando era muito pequena, passou por diversas dificuldades nesse lugar e a vida nessa região do país não foi fácil, pois sua família também enfrentou uma situação de grande pobreza. Segundo Gotlib (2009, p. 59),

A doença da mãe e a pobreza foram, pois, fatos marcantes. Clarice afirma: “nós éramos bastante pobres e ainda havia doença em casa. E eu era tão alegre que escondia a dor de ver aquilo tudo”, mas sente-se despreocupada, “apesar de toda dor que via”. Estava delineado um perfil de comportamento da criança: de um lado, a tristeza, a dor, o sofrimento; de outro a alegria e a despreocupação que levavam a mascarar os sentimentos tristes. “Olha, eu não tinha consciência, eu era tão alegre que eu escondia de mim a dor de ver minha mãe assim: Eu... eu... eu era tão... tão viva”.

O discurso sobre a origem de Macabéa é perpassado por ironias e por uma caracterização negativa do lugar de origem da personagem que é visto como muito distante do centro urbano, repleto de pessoas que vivem na miséria, passam fome e que morrem de febres ruins. Tais fatos demonstram a desvalorização da região nordeste do país. Desse modo, os que provêm desse lugar trazem marcas identitárias da exclusão, da miséria, entre outras. Ressaltamos em nossa análise o vocábulo

“sertão” que permaneceu inalterado no TC, fato que demonstra que, frente ao *double bind* que todo tradutor enfrenta, Poljak preferiu manter a palavra “sertão” em português, provavelmente por saber que essa palavra é bastante característica da cultura brasileira e que constitui uma forma de representação da região nordeste do Brasil. Segundo Silveira Bueno (1996, p.603), “sertão, s.m. Lugar inculdo, distante de povoações; floresta no interior de um continente ou longe da costa; zona do interior”.

Reafirmamos que em língua espanhola, a tradutora poderia ter usado a palavra “campo” que significa, de acordo com o DRAE (1992, p. 380), “campo (Del lat. campus, terreno llano, campo de batalla). m. Terreno extenso fuera de poblado.//2. Tierra laborable.//3. En contraposición a sierra o monte, campiña [...]”. No entanto, conforme comentamos, Poljak optou pela não tradução da palavra “sertão”, cuja atitude nos faz refletir sobre a questão da “economia da língua”, com base no exemplo de Ottoni (2005, p. 144) que, ao apresentar o exemplo de Graham, um dos tradutores da obra de Derrida, assevera que o tradutor optou por não traduzir o título do livro do francês para o inglês porque tinha em mente manter os vários sentidos em francês. Essa atitude, segundo Ottoni, caracteriza o que chamamos de “economia da língua” e conduz à “tradução recíproca”, isto é, estar entre duas línguas, entre dois sistemas lingüísticos, entre duas culturas diferentes, levando o tradutor ao desejo de traduzir e não traduzir.

Nessa perspectiva, se a tradutora tivesse optado por traduzir a palavra “sertão” poderia ter diminuído ou até mesmo eliminado o poder de representação que essa palavra tem dentro da cultura brasileira. Com base no conceito de desconstrução de Derrida (2006), entendemos que a tarefa do tradutor sempre se caracterizará por estar “endividada” com o texto original. O conhecimento de mundo, da cultura do outro, bem como o conhecimento que o tradutor tem de sua língua e da língua do outro sempre interferirá na transferência de significados de uma língua para outra.

Nas passagens do TP e do TC, respectivamente: “Os maus antecedentes de que falei” e “Los malos precedentes de qué hablé”, estabelece-se uma relação interdiscursiva com o discurso da lei, no qual as ações passadas negativas das pessoas influenciam em seu julgamento, afinal aquele que tiver “maus antecedentes”, ou seja, aquele que tiver cometido qualquer crime não é considerado uma pessoa digna aos olhos da sociedade. Segundo Pechêux (2002, p. 68), “é o interdiscurso que especifica as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico, descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória”.

Quanto ao discurso sobre a herança do sertão, esse nos faz refletir sobre o posicionamento do narrador e sobre a representação estereotipada que já está cristalizada na memória coletiva e que faz que os nordestinos sejam vítimas de diversos preconceitos, quando migram de uma região a outra do país, e acabam por ressignificar que o fato de ser nordestino seja “um mau antecedente” para eles mesmos. Analisando o significado dos vocábulos “antecedentes” e “precedentes” vemos que ambos podem ser entendidos como uma ação anterior que poderá servir para julgar

fatos posteriores. De acordo com o DRAE (1992, p. 1652-1653), “precedente (Del lat. praecedens, - entis) p.a de proceder. Que procede o es anterior y primero en el orden de la colocación o de los tiempos.// 2. M. antecedente, acción o circunstancia anterior que sirve para juzgar hechos posteriores”. E “antecedente”, segundo Silveira Bueno (1996, p. 55), “adj. Precedente; s.m. (Gram) palavra ou oração a que se refere o pronome relativo [...]”.

Considerar o fato de ser nordestino “um mau antecedente”, “un malo precedente” constitui uma forma de violência. Para Peixoto (2004, p. 191),

Numa ficção que tem lugar dentro da ficção, o narrador de *A hora da estrela*, um escritor, discute seu trabalho de criação de uma protagonista. Essa moça, uma vítima da injustiça social, é natural do nordeste, região que, com sua paisagem torturada e sua realidade áspera de secas e males econômicos severos, atraiu a imaginação de tantos escritores brasileiros. A protagonista, recém-chegada ao Rio, marginalizada, deslocada, representa outros na mesma situação, sendo assim um fragmento de uma vasta realidade social.

Ainda em R4, as referências espaciais marcadas pelos dêiticos “do sertão de Alagoas” e “lá onde o diabo perdera as botas” articulam um distanciamento do sujeito que fala, ao mesmo tempo em que trazem um efeito de sentido de desprezo pelo lugar do qual se fala. Além disso, o narrador fala de um “cá”, o Rio de Janeiro, que se distingue do “lá” do qual fala não só pela distância mas também pelas condições socioeconômicas. “Lá” é considerado um lugar assolado pela miséria e pela pobreza, onde as pessoas nascem raquíticas e muitos morrem de febres ruins típicas do lugar. A distância entre o referente e o sujeito da enunciação é gradativa, primeiro se diz “no sertão de Alagoas” e depois “onde o diabo perdera as botas”; essa última, conforme comentamos, expressa uma distância imensa. Os dêiticos espaciais carregam, nesse contexto, uma carga semântica negativa, pois auxiliam na desvalorização do lugar de onde veio Macabéa, na visão do enunciador.

Ao final de R4 (TP) e R4 (TC), chama-nos atenção a passagem final de ambos: “lá onde o diabo perdera as botas” e “allá donde Dios perdió la gorra”. O efeito de sentido articulado por essas expressões idiomáticas, cujos significados estão cristalizados na memória coletiva, é o de que o sertão é de fato um lugar muito distante da cidade. Assim o “lá” sertão se diferencia do “cá” Rio de Janeiro. Vale mencionar que tanto em língua portuguesa quanto em língua espanhola é comum ouvirmos outras expressões semelhantes a essas, tais como: “viver ou morar onde os Judas perdeu as botas”; “vivir donde cristo perdió el gorro”; “estar o vivir en el quinto pino”.

Nesse excerto, notamos uma aproximação entre o TP e o TC, revelando uma preocupação com o aspecto cultural, - tanto no momento em que a tradutora manteve a palavra “sertão” no TC quanto no momento em que buscou em sua língua uma expressão que transmitisse a ideia de distância expressa no TP -, momento em que escolhe uma expressão cujo significado provoque a aproximação e não afastamento entre ambos.

Na análise das representações, observamos como a exclusão e as relações de poder perpassam os discursos da/sobre a personagem Macabéa, considerando que o viés seguido pela AD francesa é o de uma teoria sobre a produção de identidade e da diferença marcadas pela busca das marcas ideológicas sob o olhar transculturalista e transdisciplinar de pesquisa.

À GUIA DE REFLEXÕES...

Esta pesquisa, à luz das teorias discursivas, nos leva a pensar sobre o papel da tradução como estratégia primária da representação cultural no mundo globalizado de hoje, abordando, a partir daí, questões como a imagem do outro, por meio dos Estudos da Tradução e dos Estudos Culturais; a hegemonia cultural e a globalização; a tradução e a perda ou a emergência de cânones literários; a diversidade cultural e as ditas minorias. Hoje, no caso das narrativas claricianas, diferentes pontos de reflexão se apresentam, seja pela interseção, seja pelo distanciamento.

Da análise realizada, verificamos que, na identificação de Macabéa, destacam-se como marcas subjetivas no discurso a questão da virgindade, a profissão de datilógrafa, a ignorância e a insignificância aos olhos da sociedade da época. Além disso, a busca de identificação com os ícones simbólicos transnacionais como, por exemplo, a Coca-Cola, o McDonald e Marilyn Monroe também constituem traços identitários da personagem.

Vale dizer que a escritura polêmica de uma autora mulher na boca de um narrador masculino ironiza, zomba da sociedade, que ainda era fortemente machista nos anos de 1970, ao apresentar Macabéa, a protagonista, sem “embelezar” os acontecimentos, demonstrando uma criticidade feminina em relação à situação precária da mulher nordestina na cidade grande que, assim como o tradutor, se encontra entre-línguas e entre-culturas, lugares onde as marcas do estrangeiro e do outro (que nos constituem) emergem. Para Coracini, “o que somos e o que pensamos ver estão carregados do dizer alheio, dizer que nos precede ou que precede nossa consciência e que herdamos, [...] de nossos antepassados ou daqueles que parecem não deixar rastros” (2007, p. 59). Portanto, o que somos e o que vemos está carregado do que ficou silenciado, abafado na memória discursiva, como um saber anônimo, esquecido, perpassado pelo olhar do outro.

Por fim, vale dizer que esperamos estudos que joguem mais luzes sobre os textos claricianos, na direção de que estes constituem discursos críticos e polêmicos, densos e atuais, que vêm revelando os processos identitários constitutivos dos sujeitos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João W. Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 25-42, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. A cultura como consumidor cooperativo. In: _____. *O mal-estar da pós modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.160-176.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2009.
- CORACINI, Maria José R. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- _____. Transdisciplinaridade e análise do discurso: migrantes em situação de rua. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 11 (1), p. 91-112, 2010.
- DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. Trad. Érica Lima. In: OTTONI, Paulo (Org.). *Tradução: a prática da diferença*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- _____. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- _____. *Torres de Babel*. Trad. Jones Barreto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- DICCIONÁRIO de La Real Academia Española. 21. ed. Madrid: [s.n.], 1992. Tomos I e II.
- DICCIONÁRIO WEB *online*. Disponível em: <www.dicionarioweb.com.br/html>. Acesso em: 5 jul. 2010.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo. Edusp, 2004.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. As categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. 5 reimp. São Paulo: Ática, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *A ordem do discurso*. 12. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- _____. *A arqueologia do saber*. 7. ed. 3 reimp. Trad. Luiz F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236p.
- GOTLIB, Nádia B. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: BRANDÃO, I.; MUZART, Z. L. (Org.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2003. p.19-72.
- _____. *Clarice: uma vida que se conta*. 6. ed. rev e aum. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GUERRA, Vânia M. L.; MORAES, Anita Luisa F. de. A construção do discurso publicitário: entre os provérbios e os *mass media*, o trabalho da memória. *Papéis*, Campo Grande, v. 13, p. 35-56, 2009.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-131.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: DP&A, 2005.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MANINI, D. A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. *Cadernos AEL*, n.3/4, p. 45-66, 1995/1996.

NOLASCO, Edgar Cezar. A travessia cultural de Macabéa. In: OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org.). *O livro da concentração: o linguístico e o literário*. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2006. p. 119-129.

_____. *Caldo de cultura: a hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007. 139p.

OTTONI, Paulo. *Tradução manifesta: Double bind & acontecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: EDUSP, 2005.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. (1975). In GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Péricles Cunha. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

SHAFFER, Ana Maria de Moura. *Caminhos e descaminhos da crítica feminista: olhares e reflexões*. 2010. Tese (Doutorado) – Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2010.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. ed. rev e ampliada. São Paulo: Scipione, 1996.